

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA – IFILO**

EMILSON DOS SANTOS SILVA

**O CONCEITO DE FELICIDADE EM EPICURO: ANÁLISE TEÓRICA SOBRE A
FELICIDADE EPICÚREA**

**UBERLÂNDIA
2018**

EMILSON DOS SANTOS SILVA

**O CONCEITO DE FELICIDADE EM EPICURO: ANÁLISE TEÓRICA SOBRE A
FELICIDADE EPICÚREA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação do Prof. Me. Lucas Nogueira Borges.

**UBERLÂNDIA
2018**

EMILSON DOS SANTOS SILVA

**O CONCEITO DE FELICIDADE EM EPICURO: ANÁLISE TEÓRICA SOBRE A
FELICIDADE EPICÚREA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Filosofia como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Filosofia
pela Universidade Federal de Uberlândia, sob
orientação do Prof. Me. Lucas Nogueira Borges.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.

Prof.

Prof.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus pela força invisível que nos alicerça.

A toda a minha família pela grande dedicação e apoio durante o curso.

A todo o corpo docente, que contribuiu muito para a realização do meu sonho.

Ao meu orientador Lucas Nogueira Borges pela oportunidade que me proporcionou no enriquecimento do meu conhecimento.

A infelicidade é um modo de vida que não existe porque ninguém quer ser infeliz.

(ALMEIDA JÚNIOR, 2018, p. 15)

RESUMO

No início do período helenístico, a sociedade ficou desamparada e desiludida com o sistema vigente após a queda dos sistemas platônico e aristotélico. Neste contexto, o homem, sozinho e sem apoio, procura dentro de si mesmo uma ética que possa direcionar suas ações. Epicuro foi um filósofo desse tempo, que propôs uma doutrina que possibilitasse ao indivíduo alcançar a sua felicidade. O filósofo se embasa no atomismo de Demócrito para construir sua própria física atômica. Epicuro utiliza sua teoria atomística para explicar os corpos, as almas, os mundos, o vazio e o movimento em uma concepção materialista. O estudo dessa teoria denomina-se *physiología*. Por meio dela, o homem alcança a compreensão da totalidade da natureza, o que para Epicuro é o caminho para o equilíbrio do corpo – ausência de dor ou *aponía* – e da alma (*ataraxía*), o que dá condições para que o homem exerça sua sabedoria alcançando a felicidade.

Palavras-chave: Epicuro. Felicidade. Atomismo. Ética.

ABSTRACT

At the beginning of the Hellenistic period, society became helpless and disillusioned with the current system after the fall of the Platonic and Aristotelian systems. In this context, man, alone and without support, seeks within himself an ethics that can direct his actions. Epicurus was a philosopher of this period, who proposed a doctrine that would enable the individual to achieve his happiness. The doctrine of Epicurus is inspired by the atomism of Democritus. Epicurus uses his atomistic theory to explain bodies, souls, worlds, emptiness and movement in a materialistic conception. The study of this theory is called physiology. Through it, man reaches the comprehension of the totality of nature, which for Epicurus is the way to the balance of the body, absence of pain or *aponía*, and of the soul (*ataraxía*), which give conditions for man to exercise his wisdom reaching happiness.

Keywords: Epicurus. Happiness. Atomism. Ethic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A VIDA DE EPICURO E O SIGNIFICADO DO JARDIM EM SUA FILOSOFIA	8
3	A RELAÇÃO DA FELICIDADE COM A <i>PHÝSIS</i> (ATÔMICO) E O <i>ÉTHOS</i>	11
3.1	A diferença entre o atomismo de Demócrito e o de Epicuro	13
3.2	O atomismo como fundamento para a ética de Epicuro	17
3.3	A relação da felicidade com o corpo e a alma	19
4	CONCEITO DE FELICIDADE: OS MODOS PELOS QUAIS O SÁBIO PODE ALCANÇÁ-LA	22
4.1	Os modos – exercício – e a vida prática e teórica	23
4.2	<i>Tetraphármakon</i> como terapia	25
4.3	Dor, felicidade, prazer, morte e medo	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

A pergunta “Você é feliz?” pode parecer estranha, principalmente quando associada à ética e à moral. Na sociedade moderna, a ética é entendida no sentido de moral, sendo algo do âmbito do dever. Há uma tendência a se pensar a ética como *moris*, como hábitos e costumes que são um dever, como algo que é coletivo, mas tratado individualmente.

Os gregos antigos não faziam isso, suas virtudes eram cultivadas para se repetir o *éthos*, os hábitos e costumes da sociedade, de modo que a sociedade fosse feliz ou pudesse viver a *eudaimonía*, a qual tem a ver com o bem-estar, a felicidade e, principalmente, com a prosperidade – a ampliação e o enriquecimento do ser em todos os níveis.

A ideia de *eudaimonía* está fundamentada no cumprimento ou não do *éthos*, o melhor ato (*éthos*) para o indivíduo acompanhar o seu povo. A ética da Grécia Antiga não é uma ética do dever, não diz “faça isso” ou “decida-se por aquilo”, mas sim tem a ver com a sociedade caminhar no sentido de ser feliz.

As escolas de filosofia da Grécia Antiga divergem muito pouco quanto ao fato de que “o homem busca a felicidade”, mas elas divergem mesmo sobre “o que é a felicidade”. Epicuro foi um dos filósofos que articulou virtude e felicidade, virtude e ética. Ele definiu a filosofia como a medicina da alma, como uma terapia. A filosofia traria a *eudaimonía*, a felicidade e, para isso, era necessário aplicar sobre as pessoas o *tetraphármakon*, os quatro remédios para a alma. São quatro enunciados fundamentados em uma perspectiva cosmológica, metafísica e ética que ao serem compreendidos fariam desaparecer a ansiedade do homem.

A filosofia antiga do período helenístico¹ se preocupou com o bem-estar do indivíduo. Este, em meio à decadência dos sistemas platônico e aristotélico e sem esperança no regime político vigente na época, passa a preocupar-se consigo mesmo, cuidando de si mesmo por meio da filosofia. Neste contexto, Epicuro fundamenta os conceitos de uma vida feliz, tornando sua vida a realização plena da filosofia. A filosofia de Epicuro forma-se na sua vivência. Parece impossível discutir seus pensamentos sem citar a sua biografia. Sua vida prática sustentou sua teoria. O jardim da casa do filósofo é reconhecido como o principal espaço da vida e obra de Epicuro.

¹ O período helenístico corresponde ao intervalo entre a morte de Alexandre Magno, em 323 a.C., e a conquista do Egito pelos romanos em 30 a.C. Essa época é marcada pelo ideal de propagação da cultura grega pelos territórios conquistados por Alexandre Magno.

2 A VIDA DE EPICURO E O SIGNIFICADO DO JARDIM EM SUA FILOSOFIA

Epicuro foi um filósofo do período helenístico que viveu do ano 341 ao 270 a.C., nasceu na ilha de Samos² que fica na Grécia, por isso, Epicuro de Samos. Sua família é ateniense, do demo Gargetos, como conta Diôgenes Laértios (2014). Os pais de Epicuro, Néocles e Queréstrata foram enviados de Atenas, junto com outros atenienses como colonos, à região de Samos, por haver uma partilha de terras naquele local em 352 a.C. Apesar da linhagem nobre, sua família era pobre e seu pai era responsável por ensinar as crianças dos colonos.

Epicuro começa a se interessar pelos estudos filosóficos bem cedo. Dizem que com aproximadamente 14 anos, o professor de gramática citou a seguinte frase de Hesíodo: “No princípio todas as coisas vieram do caos”. O jovem então perguntou: “E o caos, donde veio ele?”. O professor ficou estarelecido dizendo que não lhe competia responder a tal questão, e que ele a fizesse aos filósofos (JOYAU, 1973, p. 11).

Em seus estudos, Epicuro conheceu as filosofias anteriores, mas não se tornou fiel nem crítico de nenhuma delas. O jovem não estudou a fundo a teoria de Platão e Aristóteles. A respeito disso, Joyau afirma:

Os dois grandes sistemas de Platão e de Aristóteles teriam exigido, para serem bem conhecidos e compreendidos, um exame longo e paciente; teriam merecido ser discutidos ponto por ponto; Epicuro não se demorou nesse trabalho; talvez não fosse muito capaz de o executar; em todo caso, não sofreu a influência destas duas doutrinas e não se inspirou nelas (JOYAU, 1973, p. 11).

Pela trajetória de seus estudos, percebe-se que Epicuro preocupava-se em estudar nas ciências naturais apenas aquilo que dizia respeito à moral. O jovem filósofo se debruçou mesmo sobre as questões físicas que o ajudaram a embasar a sua filosofia. Mais que uma filosofia teórica, Epicuro desenvolveu uma doutrina para ser utilizada na prática, tornando a filosofia – apreendida por meio de raciocínios e discussões – um meio para a vida feliz.

Aos 18 anos, ano 323 a.C., Epicuro segue pela primeira vez para Atenas, onde conhece importantes filósofos, tais como Teofrasto, o sucessor de Aristóteles no Liceu, e Xenócrates³, o diretor da Academia. No ano seguinte, a família de Epicuro bem como os colonos atenienses são expulsos de Samos pelo sucessor de Alexandre Magno.

² Segundo E. Joyau, Epicuro nasceu em Samos, embora alguns autores, dentre eles Diôgenes Laértios, acreditem que ele tenha nascido em Gargetos (JOYAU, 1973, p. 11).

³ De acordo com Demétrios de Magnesia, Epicuro acompanhou as lições de Xenócrates (LAËRTIOS, 2014, p. 286).

Epicuro e sua família seguem para Cólofon, na costa asiática. Perto dali, em Teos, Epicuro acompanha os ensinamentos de Nausífanês, que consistia na doutrina atomista de Demócrito, que inspirou fortemente Epicuro na formulação da sua própria doutrina. Em Cólofon, Epicuro revisa o pensamento de Demócrito, adquirindo autonomia sobre seu próprio pensamento, o que resultou na fundação de sua primeira escola. Contudo, segundo Diôgenes Laértios (2014, p. 286), Epicuro nega ter sido discípulo de Nausífanês, inclusive declara na carta a Eurílocos sua condição autodidata.

Aos 35 anos de idade, de acordo com Diôgenes Laértios (2014, p. 286), Epicuro inaugura uma escola de filosofia, primeiro em Mitilene e Lâmpsacos, e cinco anos depois ela é transferida para Atenas. Quando Epicuro regressa para Atenas, no ano 306 a.C., obtém uma casa grande com um espaçoso jardim, onde inaugura a célebre escola ateniense, conhecida como “O Jardim de Epicuro”. O local abrigava filósofos célebres, além dos discípulos que vinham de outras regiões.

A vida de Epicuro é sem dúvida a verdadeira demonstração de sua filosofia, já que ele pregava uma filosofia prática, calcada nos princípios da natureza, e agia conforme os princípios de sua doutrina. Seus ensinamentos eram difundidos e aprendidos pelos seus discípulos ali mesmo no jardim de sua casa, de modo que se ausentavam do tumulto e das preocupações da cidade, para cultivar a amizade, considerada essencial para se alcançar a felicidade.

O local escolhido por Epicuro, o jardim, expressa o teor revolucionário do seu pensamento. Afastado da ágora da cidade, o filósofo e seus discípulos habitam um local afastado da vida pública e próximo da calma do campo. Os seguidores de Epicuro eram, então, chamados de “os do Jardim”.

Epicuro foi ferrenho no ensinamento da sua doutrina. Além disso, foi o maior exemplo de seguidor da sua própria doutrina. Epicuro também cobrava dos seus discípulos uma boa conduta, não permitindo que houvesse dentro do Jardim qualquer tipo de rivalidade ou conflito de ideias. Ser do Jardim significava estar de acordo com a doutrina do mestre e, mais que isso, estar disposto a segui-la.

Naquela época de transição entre períodos históricos – em que os sistemas platônico e aristotélico entravam em decadência junto com as crenças humanas e instaurava-se o helenismo –, Epicuro apontava um novo caminho, pregava que a felicidade está dentro de cada indivíduo e não fora do homem nem no sistema sociopolítico. Os do Jardim acreditam que o verdadeiro bem é a vida, que pode ser mantida com poucos recursos, sendo o resto, portanto, vaidade.

A simplicidade de que trata o filósofo está associada a todos os sentidos da vida, inclusive à nutrição. Na carta a Meneceu, Epicuro diz que “os alimentos mais simples proporcionam o mesmo prazer que as iguarias mais requintadas, desde que se remova a dor provocada pela falta: pão e água produzem o prazer mais profundo quando ingeridos por quem deles necessita” (EPICURO, 2002, p. 41). Assim, os discípulos de Epicuro seguiam a dieta do mestre, comiam pão e tomavam água, seguindo um modo de vida sem luxo. Esse modo de vida simples, segundo Epicuro, ajuda o homem a enfrentar as necessidades da vida e a valorizar melhor as farturas que ele possa vir a ter às vezes.

Para ser do jardim, a pessoa tinha que seguir a doutrina do mestre, tornar-se seu discípulo, passar a viver uma vida simples e compartilhar os mesmos princípios éticos. Epicuro não proibia a entrada de ninguém no Jardim, pois acreditava que a filosofia era para todos, porque todo homem tem o direito de ser feliz. Segundo Vaz (1999, p. 142), “o Jardim é a alternativa epicuriana à *polis*, ao Estado e à vida política em geral”. Assim, ele era aberto a qualquer cidadão, desde que esse se comprometesse a seguir os ensinamentos do mestre vivenciando a sua filosofia.

Desta maneira, o Jardim representa a comunidade dos sábios, que se reúnem pela afinidade e pela doutrina que compartilham. Daí surge um importante conceito: a amizade, que é pensada por Epicuro a partir da tradição grega. Trata-se de uma amizade pautada na confiança e que se alimenta da comunhão de pensamentos, ideias e atitudes, contribuindo para a manutenção da felicidade de cada indivíduo.

A base do pensamento epicúreo construída nesse espaço é muito bem resumida por Reale e Antiseri:

A palavra que vinha do Jardim pode ser resumida em poucas proposições gerais: a) a realidade é perfeitamente penetrável e cognoscível pela inteligência do homem; b) nas dimensões do real existe espaço para a felicidade do homem; c) a felicidade é falta de dor e perturbação; d) para atingir essa felicidade e essa paz, o homem só precisa de si mesmo; e) não lhe servem absolutamente a cidade, as instituições, a nobreza, as riquezas, todas as coisas e nem mesmo os deuses: o homem é perfeitamente “autárquico”. (REALE; ANTISERI, 1990, p. 237)

Nesse trecho, constam-se os princípios da ética de Epicuro, sendo que o primeiro trata-se do fato de que a realidade é cognoscível, pois por meio dos sentidos e da inteligência ela pode ser compreendida. Os sentidos não percebem o vazio, mas o raciocínio justifica sua existência como um meio sem o qual os átomos não poderiam se mover.

Todos esses princípios da ética epicúrea estão vinculados à felicidade, é por meio da compreensão da natureza das coisas – da realidade – que o homem toma consciência da sua

felicidade, age evitando a dor e as perturbações da alma e busca o equilíbrio condizente a sua felicidade.

O homem é livre para pensar, tem inteligência e não depende das instituições, da nobreza e nem mesmo dos deuses, pois o homem é totalmente capaz de comandar a si mesmo, ou seja, é um ser autárquico. A própria natureza das coisas garante ao homem a liberdade para exercer a sua *autárkeia*. Epicuro vai dizer que os átomos têm uma vontade própria e, conseqüentemente, isso fundamenta a natureza autárquica do homem, dado que todos os corpos são formados por átomos.

É por meio do pensamento filosófico e da sua prática que o homem é capaz de alcançar a felicidade. O prazer é inato à felicidade e é o seu bem principal. Mas ao contrário dos hedonistas, o Epicurismo pede moderação, pois a busca desenfreada pelo prazer pode resultar em dor. Por outro lado, a dor nem sempre precisa ser evitada, porque pode resultar em prazer, como a dor do esforço para se conquistar algo bom. Neste sentido, o conceito de equilíbrio embasa a filosofia de Epicuro.

É o equilíbrio do espírito que permite ao homem encontrar à felicidade. Isso só é possível pela *aponía* e *ataraxía*. A imperturbabilidade da alma depende da ausência de dor (*aponía*) e da supressão de distúrbios mentais (*ataraxía*). Para os epicuristas, o homem busca a felicidade, sendo esse o objetivo da vida humana, ele só pode ser alcançado na tranquilidade do espírito, que resulta da *aponía* e da *ataraxía*.

A produção de Epicuro é rica, aproximadamente 300 obras, mas reuniu-se integralmente as epístolas endereçadas a Pítocles, a Heródoto e a Meneceu, além de duas coleções de Máximas e diversos fragmentos. Após a morte de Epicuro, em 270 a.C., Hermarco, seu fiel discípulo, o sucedeu na direção da escola.

3 A RELAÇÃO DA FELICIDADE COM A *PHÝSIS* (ATÔMICO) E O *ÉTHOS*

Epicuro trata da totalidade da natureza e sua infinitude discorrendo sobre os átomos e os mundos. A doutrina ética de Epicuro tem seu fundamento na *phýsis*, pois a partir da compreensão da *phýsis*, o homem compreende a natureza da sabedoria e o modo de realizar plenamente a sua natureza, quer dizer, ele se livra de crenças, temores e superstições, que causam tormentos desnecessários à vida. Desse modo, o pensamento epicúreo caminha do estudo da natureza das coisas (*physiología*) até o entendimento da ética do homem.

As três cartas mais conhecidas de Epicuro são: “Carta a Heródoto” que trata da física atômica, “Carta a Pítocles” que discorre sobre os fenômenos celestes e “Carta a Meneceu”,

também conhecida como “Carta sobre a felicidade”. As mais importantes no escopo deste trabalho são a primeira e a última carta.

Na carta a Heródoto, encontra-se toda a teoria atomística de Epicuro, de fato, um resumo da sua filosofia, como declara o mestre do jardim no início da carta:

Para os incapazes de estudar acuradamente cada um de meus escritos sobre a natureza, Heródotos, ou de percorrer detidamente os tratados mais longos, preparei uma epítome de todo o meu sistema a fim de que possam conservar bem gravado na memória o essencial dos princípios mais importantes e estejam em condições de sustentá-los em quaisquer circunstâncias, desde que se dediquem ao estudo da natureza (LAËRTIOS, X, 35, 2014, p. 291).

O filósofo acreditava na importância da memorização como um meio de guardar os princípios éticos que devem fundamentar a vida prática do homem. Segundo Epicuro, sempre agimos conforme aquilo em que acreditamos. Portanto, a ética deve ter como base um conjunto de convicções bem firmes (JOYAU, 1973, p. 19).

Outra carta igualmente importante é a carta a Meneceu, que versa sobre a conduta humana que garante a felicidade. A carta inicia-se destacando a importância do exercício da filosofia: “Nenhum jovem deve demorar a filosofar, e nenhum velho deve parar de filosofar, pois nunca é cedo demais nem tarde demais para a saúde da alma” (LAËRTIOS, X, 122, 2014, p. 311). Nesse trecho, em um tom eloquente, Epicuro afirma que todos, sejam jovens ou velhos, devem buscar a filosofia. O jovem que segue uma ética pautada pela filosofia não teme o futuro, e o velho que continua trilhando no caminho filosófico se mantém jovem na recordação agradável do passado.

Pontos importantes dessas cartas serão explorados no decorrer deste trabalho. Aqui cabe destacar que o “estado de ser” é recorrente no pensamento do filósofo. Trata-se do equilíbrio que está associado aos corpos físicos, ao corpo humano, ao estado da alma (*psyché*) e à conduta humana. O homem busca esse equilíbrio procurando uma certa estabilidade e ordem na vida. Conforme o pensamento epicúreo, esse equilíbrio capacitaria o sábio a ser sereno e sensato, adquirindo uma vida plena.

A filosofia antiga do período helenístico se preocupou com o bem-estar do indivíduo. Este, sem esperança no regime político vigente na época, passa a preocupar-se consigo mesmo, cuidando de si mesmo por meio da filosofia. Neste contexto, Epicuro fundamenta os conceitos de uma vida feliz, tornando sua vida a realização plena da sua filosofia.

O homem é livre para seguir seu caminho de felicidade. De posse dessa liberdade, o homem utiliza-se do conhecimento filosófico e do seu raciocínio (*logismós*) para estabelecer o equilíbrio tão fundamental para a felicidade. O conhecimento natural do homem é a chave

para o equilíbrio da conduta de uma vida feliz, ou seja, o modo da vida feliz depende do raciocínio do homem sobre a natureza das coisas.

3.1 A diferença entre o atomismo de Demócrito e o de Epicuro

O pensamento epicúreo inicia-se nas reflexões sobre os corpos naturais, desde os átomos até os mundos, considerando por meio da sua visão metafísica a totalidade infinita da natureza. Na carta a Pítocles, Epicuro faz uma definição de mundo:

Um mundo é uma porção circunscrita do universo, compreendendo astros e terra e todas as coisas visíveis, destacado do infinito; tem um perímetro redondo ou triangular ou de qualquer outra forma, e termina num limite poroso ou denso em rotação ou imóvel, cuja dissolução levará à ruína tudo que está nele (LAËRTIOS, X, 88, 2014, p. 303).

É evidente que o mundo, bem como todas as coisas que estão nele, é constituído de átomos. O mundo é como um grande corpo formado por outros corpos menores. Com o tempo, os mundos se desgastam devido aos choques e entrecruzamentos de átomos. Os átomos, por sua vez, duram para sempre. O conceito de *phýsis* carrega a noção de todo (totalidade), compreendendo os átomos e o vazio em uma totalidade que nunca se altera.

O átomo é imutável, enquanto o corpo é passível de mudança. O vazio é intangível, mas apreensível por meio da razão que o justifica como meio fundamental para que haja o movimento. O vazio tem características opostas aos corpos. Os átomos, por exemplo, podem ser comparados entre si, enquanto o vazio é apenas vazio. No vazio, os átomos se movimentam e se agregam para formar os corpos. Também, o vazio possibilita o deslocamento dos átomos no interior dos corpos.

Todos os átomos do universo sempre existiram e sempre vão existir. A noção de totalidade é infinita no tempo, porque cada átomo também é infinito. O tempo pode ser contado apenas em relação aos corpos, dado que estes são perecíveis. Quanto ao tempo, Epicuro diz que

[...] basta refletirmos que correlacionamos o tempo com os dias e as noites e as partes destes e destas, e também com os sentimentos de prazer e sofrimento e os estados de movimento e imobilidade, e quando usamos a expressão “tempo” pensamo-lo como um acidente peculiar a esses detalhes (LAËRTIOS, X, 73, 2014, p. 300).

Desse trecho, percebe-se que o tempo é uma noção decorrente do estado de ser das coisas. A própria sucessão dos elementos da natureza, como o dia e a noite, bem como o

movimento dos corpos, que se agregam e se desintegram, revela o tempo. Assim, o tempo existe porque os sentidos percebem as sucessões e os movimentos da natureza.

A física epicúrea que analisa desde os átomos até os mundos embasa toda a filosofia de Epicuro. A realização plena da natureza e da sabedoria do homem dependem do exercício de apreensão da *phýsis* e dos modos como ela se realiza.

A física de Epicuro é fundamentada nos seguintes enunciados: “Nada nasce do não-ser”, “A totalidade da realidade é determinada essencialmente pelos corpos e o vazio”, “A realidade é infinita” e “Alguns corpos são simples e indivisíveis (átomos) e outros são compostos” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 242-243).

Nada nasce do não-ser, pois seria um absurdo que algo fosse gerado de qualquer coisa, sem um elemento gerador: “Nada nasce do não-ser. Se não fosse assim, tudo nasceria de tudo e nada teria necessidade de seu próprio germe” (LAËRTIOS, X, 38, 2014, p. 291-292). Além disso, coisa alguma dissolve-se no nada, pois, assim sendo, tudo desapareceria deixando de existir. Assim, a totalidade da natureza sempre existiu e sempre vai existir, pois nada nasce e nem perece.

“Nada nasce do não-ser” é um princípio do pensamento de Demócrito. A esse respeito Demócrito diz:

Os primeiros princípios do universo são os átomos e o vazio; tudo mais apenas se pensa que existe. Os mundos são infinitos, sujeitos à geração e ao perecimento. Nada é gerado pelo não-ser e nada perece no não-ser. Os átomos são infinitos em tamanho e número; movem-se como num vórtice e geram assim todas as coisas compostas – fogo, água, ar e terra –, porque esses elementos também são uniões de determinados átomos, que por sua solidez são impassíveis e imutáveis (LAËRTIOS, IX, 44, 2014, p. 262-263).

Nesse trecho, percebe-se que para Demócrito o universo é formado por átomos e vazio. Demócrito e Epicuro concordam que nada nasce do nada, ou seja, nada nasce do não-ser. Eles dizem que os átomos e os mundos são infinitos e que a alma é formada por átomos.

Outro fundamento da física epicúrea é que a totalidade da realidade é determinada essencialmente pelos corpos e o vazio. “O todo é constituído de corpos e vazio. Com efeito, a existência de corpos é atestada em toda parte pelos próprios sentidos, e é nos sentidos que a razão deve basear-se quando tenta inferir o desconhecido partindo do conhecido” (LAËRTIOS, X, 39, 2014, p. 292).

Daí decorre que os sentidos provam a existência dos corpos. Quanto ao espaço e ao vazio, eles são inferidos pela existência do movimento. Ora, o movimento só é possível

porque há um espaço vazio onde os corpos podem se movimentar. Epicuro diz que o vazio é a “natureza intangível”, não é o não-ser, mas exatamente o “espaço”.

O terceiro fundamento da física de Epicuro é que a realidade é infinita e, para tanto, é necessário que os elementos que a constituem também sejam infinitos. Assim, se tudo é “corpo” e “vazio”, então o número de corpos e a extensão do vazio são infinitos. Em sua carta a Heródoto, Epicuro diz:

Existe um número infinito de mundos, tanto semelhantes ao nosso como diferentes dele, pois os átomos, cujo número é infinito como acabamos de demonstrar, são levados em seu curso a uma distância cada vez maior. E os átomos dos quais poderia formar-se um mundo, ou dos quais poderia criar-se um mundo, não foram todos consumidos na formação de um mundo só, nem de um número limitado de mundos, nem de quantos mundos sejam semelhantes a este ou diferentes deste. Nada impede que se admita um número infinito de mundos (LAËRTIOS, X, 45, 2014, p. 293).

Dessa citação, percebe-se que o número de mundos é infinito porque a quantidade de átomos é infinita. Esses mundos são formados por um grande aglomerado de átomos e pereceriam pela desagregação dos átomos que os constituem. Para Epicuro, esses mundos não duram para sempre, estão intercalados por grandes vazios e são finitos porque eles possuem uma quantidade limitada de átomos.

O quarto e último fundamento da física epicúrea diz que alguns corpos são simples e indivisíveis (átomos) e outros são compostos:

Alguns corpos são compostos, enquanto outros são os elementos de que se compõem os corpos compostos. Esses elementos são os átomos, indivisíveis e imutáveis, se é verdade que nem todas as coisas poderão perecer e resolver-se no não-ser. Com efeito, os átomos são dotados da força necessária para permanecerem intactos e para resistirem enquanto os compostos se dissolvem, pois são impenetráveis por sua própria natureza e não estão sujeitos a uma eventual dissolução. Consequentemente, os princípios das coisas são indivisíveis e de natureza corpórea (LAËRTIOS, X, 40-41, 2014, p. 292).

É o movimento que permite que os átomos formem os corpos compostos. O movimento, por sua vez, é possível por causa do peso dos átomos. Demócrito não havia identificado essa propriedade dos átomos. Segundo Epicuro, os átomos são inclinados a se agregarem conforme a similaridade entre as suas formas, tamanhos e pesos, sugerindo que esse agrupamento só é possível pelas propriedades naturais de cada átomo.

Epicuro embasou seu pensamento atomista em Demócrito, mas divergiu dele em alguns aspectos. As três principais diferenças do atomismo de Epicuro para o de Demócrito (e também Leucipo) estão relacionadas às características dos átomos, à teoria dos “mínimos” criada por Epicuro e ao movimento dos átomos.

A figura (*schéma*), a ordem (*táxi*) e a posição (*quesi*) eram as principais características do átomo para os atomistas antigos. Para eles, o ser se difere pela forma (figura), a disposição (a ordem dos átomos) e a posição dos átomos. Mas para Epicuro, a forma, o peso e o tamanho são as características fundamentais do átomo:

Devemos sustentar ainda que os átomos não têm qualquer qualidade das coisas do mundo dos fenômenos, à exceção da forma, do peso e do tamanho e das propriedades necessariamente associadas à forma. Realmente, todas as qualidades mudam, porém os átomos não mudam; é necessário que nas dissoluções dos compostos permaneça algo sólido e indissolúvel, que deve tornar possíveis as transformações não no não-ser nem a partir do não-ser, mas frequentemente por transposição, e às vezes até por acréscimo ou subtração de átomos. Disso resulta necessariamente que esses elementos que se agrupam de várias maneiras são indestrutíveis e não têm a natureza do mutável, mas cada um possui sua própria massa e configuração próprias. Essas propriedades devem ser necessariamente permanentes (LAËRTIOS, X, 54, 2014, p. 295).

Nesse trecho, Epicuro destaca também a imutabilidade dos átomos e que os compostos são formados pelo acréscimo e decréscimo de átomos. Enquanto os compostos se dissolvem, os átomos permanecem indestrutíveis, ou seja, não possuem a natureza do mutável.

A segunda diferença entre o atomismo de Epicuro e Demócrito diz respeito ao tamanho do átomo. Epicuro introduz a teoria dos mínimos dizendo que os átomos são indivisíveis mas possuem partes distinguíveis. Pela natureza indivisível, os átomos não podem ser divididos diminuindo de tamanho até o infinito e, portanto, há um limite nessa grandeza, que Epicuro chama de “mínimo”, o que determina “a unidade da medida”. Na carta à Heródoto, Epicuro diz que:

Não se deve crer que num corpo limitado haja partículas infinitas nem de todos os tamanhos possíveis. Logo, não somente não se deve admitir a divisão ao infinito em partes sempre menores – de outra maneira tornamos todas as coisas destituídas de força e em nossa concepção dos corpos agregados somos constrangidos, seguindo o processo de compressão, a exaurir no não-ser as coisas existentes –, mas não se deve tampouco crer que nos corpos limitados ocorra uma passagem de uns para outros ao infinito em partes sempre menores (LAËRTIOS, X, 56, 2014, p. 296).

Soa bem convincente a explicação dada por Epicuro, no trecho anterior, de que um corpo não pode ser dividido sucessivamente ao infinito. De fato, parece lógico que um corpo finito não possa ser composto por infinitas partes, dado que os átomos que os compõe não podem ser divididos cada qual em partes menores, pois há um tamanho mínimo, uma unidade que não pode ser ultrapassada.

A terceira diferença entre o atomismo de Epicuro e Demócrito tem a ver com o movimento dos átomos. Para os antigos atomistas, os átomos se movimentam em todas as direções, enquanto que para Epicuro, eles seguem um movimento de queda para baixo no

espaço infinito. “Enquanto dura um desses movimentos ele tem a mesma velocidade do pensamento, desde que não haja obstáculos devidos a colisões externas ou decorrentes do próprio peso dos átomos opondo-se à violência da colisão” (LAËRTIOS, X, 61, 2014, p. 297).

Portanto, desse movimento provêm a construção e a desconstrução dos corpos e dos mundos. É da própria natureza dos átomos que surge a necessidade do movimento e, conseqüentemente, a necessidade da formação dos compostos. A desagregação ocorre por causa das diferenças entre os átomos e em virtude da penetração de átomos não semelhantes ao corpo. O movimento contínuo dos átomos no interior dos corpos conduz à degradação destes. Assim, a integração e a desintegração das coisas ocorrem pela necessidade, porém as perturbações diversas são interferências do acaso.

O acaso explica a diversidade de corpos e mundos na ausência de uma finalidade para eles. Assim, o acaso age na realização do movimento sem qualquer finalidade, sem qualquer sentido determinista ou providencial. Por meio dessa compreensão dos átomos, dos corpos, dos movimentos e do acaso que se apreende o significado de *phýsis* na teoria atomista de Epicuro, a qual é o fundamento para o desenvolvimento da sua doutrina em relação à ética.

3.2 O atomismo como fundamento para a ética de Epicuro

Para Epicuro, o prazer é um bem e deve ser cultivado, mas isso não significa ser hedonista, pois o que realmente a filosofia epicúrea apresenta é que o verdadeiro prazer é garantido na “falta de dor no corpo” (*aponía*) e na “não perturbação da alma” (*ataraxía*). Os prazeres decorrentes de atitudes torpes, de festanças exageradas e da abundância de alimentos podem perturbar a alma. É o raciocínio equilibrado sobre as causas de cada ato de escolha e recusa que elimina as falsas opiniões e leva à vida feliz.

Sendo assim, Reale e Antiseri concluem que:

A regra da vida moral não é o prazer como tal, mas razão que julga e discrimina, ou seja, a sabedoria que, entre os prazeres, escolhe aqueles que não comportam em si dor e perturbação, descartando aqueles que dão gozo momentâneo, mas trazem consigo dores e perturbações (REALE; ANTISERI, 1990, p. 247).

Desta maneira, nota-se que a ética epicúrea tem a ver com o prazer e com a essência do homem. O homem é essencialmente material, sendo assim, também é material seu bem maior, o bem que lhe garante a felicidade. Mesmo a alma humana é dotada de características físicas. Laërtios (2014, p. 298) diz que para Epicuro a alma é composta de átomos extremamente lisos e arredondados:

Tendo em vista nossas sensações e sentimentos, é necessário considerar que a alma é corpórea e constituída de partículas sutis, dispersa por todo o organismo, extremamente parecida com um sopro consistente numa mistura de calor, semelhante em muitos aspectos ao sopro e em outros ao calor. Há também uma terceira parte, que pela sutileza de suas partículas difere consideravelmente das outras duas, e por isso está em contato mais íntimo com o resto do organismo. Tudo isso é evidenciado pelas faculdades da alma e pelos sentimentos, e pela mobilidade da mente e pelos pensamentos e por tudo aquilo cuja perda causa a morte. Devemos ainda considerar que a alma desempenha o papel mais importante na sensação (LAÉRTIOS, X, 63, 2014, p. 298).

Desse trecho, percebe-se que a natureza física dos corpos e da alma favorece o movimento da mente e a construção do pensamento. Para Epicuro, a parte racional humana reside no peito, onde constata-se os temores e as alegrias. Assim, a alma participante do organismo desempenha um importante papel nas sensações e nunca deixa de sentir.

O homem, dotado do corpo e da alma, tem liberdade de escolha. Para Epicuro, os atos das pessoas devem ser pautados pela *autárkeia*, que significa a autossuficiência e a independência do homem. Essas características traduzem e justificam a liberdade. Assim, o homem livre para pensar pode adquirir por meio da filosofia os meios para uma vida feliz, equilibrada.

O sábio age conforme seus desejos necessários e naturais e, assim, foge da insensatez daqueles que procuram os desejos vazios, vãos e contrários à natureza. A relação entre a *physiología* e a ética é definida no agir conforme a natureza. O agir do sábio, de acordo com a natureza, lhe garante o prazer pleno de uma vida equilibrada.

Em sua relação com o povo e a política, o sábio não se sujeita, mas sua ação é pautada no seu poder de rejeição e escolha. Silva (2003, p. 87-88) explicita muito bem a importância do *éthos* e da *phýsis* para o *sophós* (sábio): “Fundando o *éthos* na *phýsis*, ou fazendo que ele derive da *physiología*, o *sophós* legitima a *autárkeia* como condição para pensar a ética fora do domínio público”.

O ato de se afastar da multidão resulta também de uma necessidade que o sábio possui de pensar por conta própria. Esse momento sozinho é o exercício da sua *autárkeia*. Dessa maneira, a política não configura um elemento central na ética de Epicuro, pois ela não direciona o caminho do homem. As pessoas são livres e o sábio é um exemplo de que homem é quem constrói seu próprio caminho.

Tendo tudo isso em vista, conclui-se que Epicuro utiliza sua teoria atomista para fundamentar outros aspectos da sua filosofia, como a ética e as questões que tratam da felicidade do homem. Uma das suas máximas do terreno da ética é: “Não realizes na tua vida

nada que, se for conhecido por teu próximo, te possa acarretar temor” (EPICURO, 1973, p. 27).

Em sua carta a Meneceu, Epicuro esclarece sobre o papel do prazer e como ele deve ser conduzido:

Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. [...] Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem (EPICURO, 2002, p. 37-39).

Nesse trecho, fica claro que embora o prazer seja um bem supremo, ele não é um prazer entendido no senso comum, mas uma conduta de vida moderada e equilibrada. Supõe-se que o mais importante é pensar sobre a conduta e ponderar os atos pelas reais consequências e implicações que eles trazem. Tais considerações sobre o prazer são importantes para o conhecimento do homem que busca uma vida ética. É no exercício prático dessa ética que o homem pode conquistar a felicidade e se tornar sábio.

3.3 A relação da felicidade com o corpo e a alma

Na *physiologia*, o corpo é um agregado de átomos e vazio. O corpo é pensado também como uma estrutura orgânica viva vinculado ao conceito de *phýsis*. É da natureza dos corpos ganhar substâncias vitais e perder aquelas que podem debilitá-los em suas relações com o mundo. Para Epicuro, a alma é um corpo, mas diferencia-se deste por suas propriedades físicas e sua função racional e imaginativa.

O movimento de vir a ser do corpo, o seu caminho no mundo, resultada do impulso que alma gera nele. A direção desse caminho determina a condição de equilíbrio da alma. O princípio do movimento é inerente aos seres vivos. A alma é a responsável pelo movimento dos homens, pois sem ela não há vida humana, não há movimento e nem desejo.

Para Epicuro, as necessidades primordiais do corpo, como o alimento, a água e a proteção do frio são importantes para a condição satisfatória do corpo. As enfermidades resultam das privações das necessidades inerentes ao corpo. Uma vez que o corpo esteja em um estado de bem-estar e de prazer, decorrentes da satisfação das suas necessidades fundamentais, qualquer outro desejo natural do corpo pode ser satisfeito apenas para causar variação no prazer já sentido por esse corpo que está em um estado de bem-estar.

As sensações são transformadas em sentimento na relação plena entre corpo e alma. Para Epicuro, viver conforme a natureza tem a ver com realizar os desejos naturais e necessários. No exercício da *autárkeia*, o homem precisa encontrar o limite em meio a todos os deleites oferecidos pelo mundo. O homem tem que encontrar o domínio de si mesmo. Isso é possível por meio da reflexão sobre o seu corpo buscando encontrar a sua medida adequada, o limite no que é necessário ou não para seu bem-estar.

Para Epicuro (LAËRTIOS, X, 130, 2014, p. 313), as coisas naturais podem ser facilmente satisfeitas enquanto que os desejos fúteis são difíceis de satisfazer. Nesse sentido, o melhor remédio para a manutenção saudável do corpo é a alimentação equilibrada e os cuidados para se prevenir contra os excessos e as carências. Na natureza, o homem encontra o seu sustento, rejeita ou aceita os elementos naturais conforme o bem ou o mal que eles podem lhe causar.

O indivíduo insensato, ao contrário do sábio, pode criar desejos pautados em opiniões vazias e, por isso, desejos não naturais e muito menos necessários. Eles decorrem da imaginação imprudente, que desconhece o sentido de ser considerando o *logismós* (o cálculo racional das ações) e a *phrónesis* (sensatez para direcionar o agir).

Parece conveniente pensar que o homem, mesmo fazendo uso da sua *phrónesis* e da sua *autárkeia*, possa vivenciar situações de desequilíbrios. Como o movimento de constituição e de desconstituição dos corpos é constante, pensa-se que o equilíbrio não é permanente e as escolhas do homem não controlam o inevitável, porém o homem pode deliberar sobre as coisas que estão sobre seu alcance.

A alma constitui-se de duas partes irracionais espalhadas pelo corpo e uma parte racional que se localiza no peito. As partes irracionais estão associadas aos átomos que constitui a alma e à correspondência, à ligação, que existe entre a alma e o corpo. A parte racional da alma é assim denominada porque pode gerar o pensamento.

Lucrécio acrescenta a esta definição informações de ordem fisiológica quando diferencia o espírito (parte racional) da alma (parte irracional):

Digo a seguir que o espírito e a alma se mantêm ligados entre si e formam no conjunto uma só substância; mas o que domina no corpo todo, o que é, por assim dizer, a cabeça, é aquilo que nós chamamos a reflexão, o pensamento. E este está colocado na região média do peito. Aqui sobressaltam o pavor e o medo; é neste lugar onde palpitam docemente as alegrias; aqui, portanto, estão o pensamento e o espírito (CARO, 136-144, 1973, p. 73).

Nota-se que Lucrécio concorda com Epicuro quanto ao fato de que a alma é o princípio do movimento, o qual é guiado pela parte racional, ou seja, pelo espírito e pelo

pensamento (reflexão) localizados no peito. Para o poeta e o filósofo, as partes racional e irracional da alma estão visceralmente conectadas pelo encadeamento entre os átomos do peito e os demais átomos do resto do corpo.

Tito Lucrécio Caro nasceu no início do século I a.C. e foi um dos principais seguidores de Epicuro. Lucrécio repete a filosofia de Epicuro, mas inova quanto a forma, ele utiliza-se da poesia. “Uma só diferença subsiste, no restante, entre Epicuro e Lucrécio: o primeiro soube aplacar suas angústias, até existencialmente; Lucrécio, ao contrário, foi a vítima delas, tendo se suicidado aos quarenta e quatro anos” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 251).

Por meio das impressões, a alma julga, acredita, receia, controla, reflete etc. Ela é capaz de agir a partir dos estímulos que recebe. A memória da alma registra as impressões decorrentes da construção do pensamento. Para Epicuro, o *logismós* (raciocínio) é uma ferramenta do pensar que permite que o homem vá além das experiências visíveis, atingindo os elementos imperceptíveis que a *physiología* busca compreender.

O *logismós* e a *phrónesis* estão vinculados à decisão ou julgamento seguidos da ação. O *logismós* serve a alma como um mecanismo que pode livrá-la dos equívocos e desacertos nos julgamentos que ela venha a fazer. Assim, o *logismós* se justifica como ferramenta da parte racional da alma. É por meio do *logismós* que o sábio domina os males praticados pelos homens, como o ódio, a inveja, a ira e o descaso.

A *phrónesis* é o exercício da sabedoria. As reflexões do sábio são ponderadas pela *phrónesis*, de modo que ele a utiliza para escolher o que é conveniente ou recusar o desnecessário. Ela orienta o sábio para o equilíbrio do corpo e da alma. Quem ignora os bens e os males da vida do homem se tortura nas perturbações da alma, privando-se dos prazeres que o equilíbrio traz.

A *ataraxia*, que resulta do modo como o indivíduo age no mundo, é um estado de imperturbabilidade da alma que depende dos elementos *logismós* e *phrónesis* para se concretizar e ser mantida. Tais elementos são moduladores dos desejos e no terreno da *physiología* adquirem um potencial terapêutico.

A *ataraxia* é o alicerce em que o homem pode se apoiar para vivenciar os valores que o ajudarão no gerenciamento da vida sábia. A compreensão da *physiología* unida à prática da *phrónesis* e do *logismós* guia os propósitos do homem para uma vida presente e futura agradável, enquanto ele renuncia aos prazeres momentâneos das falsas opiniões.

Diante da liberdade para exercer a sua *autárkeia*, o homem por meio da *phrónesis* é capaz de compreender o modo de vida sábio, fazendo da sua filosofia um exercício prático.

Assim, o homem, no pensamento epicúreo, constrói o terreno fértil da sua felicidade. No próximo capítulo, esclarece-se que o homem não alcança uma felicidade fora dele, mas descobre a felicidade que o habita.

4 CONCEITO DE FELICIDADE: OS MODOS PELOS QUAIS O SÁBIO PODE ALCANÇÁ-LA

O conceito de felicidade é fundamentado pela teoria atomista de Epicuro. Existe uma vontade própria que é da natureza dos átomos que os impele a se movimentarem ou agirem. Igualmente, todo homem – um corpo formado por átomos – tem a liberdade de exercer a sua vontade própria e agir por si mesmo exercendo, assim, sua *autárkeia*. Isso não significa se isolar, mesmo afastado das multidões e das opiniões vazias, é conveniente ao sábio viver em um grupo seletivo de pessoas que compartilham da sua doutrina. O sábio participante de uma comunidade particular tem sua vontade compartilhada com os outros do grupo – como um tipo de *autárkeia* coletiva – estabelecendo-se uma relação de amizade.

O sábio cultiva a amizade na convivência em grupo, de certa maneira, para garantir a harmonia e evitar conflitos e discrepâncias de ideias. Os sábios que são amigos compartilham de ideias em comum e seguem uma mesma doutrina na prática. É da natureza do sábio compartilhar seu conhecimento entre a comunidade de amigos.

Os sábios contam com o seu raciocínio e seu bom senso (*phrónesis*) para manter o equilíbrio do corpo e da alma. Antes de Epicuro, Demócrito destacou o equilíbrio da alma como um importante princípio. Segundo Demócrito, “o fim supremo é a serenidade da alma, que não é idêntica ao prazer, como alguns autores entendem falsamente, mas é a condição constante da calma e do equilíbrio da alma, não perturbada pelo medo, nem pela superstição, nem por outras emoções” (LAËRTIOS, IX, 45, 2014, p. 263).

Nesse trecho, Demócrito considera que a serenidade da alma não tem a ver com o prazer do pensamento hedonista. Para os hedonistas, o prazer é o bem supremo da vida e é sempre um bem em si mesmo. Eles esperam que o prazer dure o maior tempo possível e seja o mais intenso possível. Para Epicuro o prazer também é o bem maior da vida feliz, porém não o prazer hedonista, é um prazer pautado pela razão e moderação (*phrónesis*): “Chamamos ao prazer princípio e fim da vida feliz. Com efeito, sabemos que é o primeiro bem, o bem inato, e que dele derivamos toda a escolha ou recusa e chegamos a ele valorizando todo bem com critério do efeito que nos produz” (EPICURO, 1973, p. 25).

A escolha do prazer que lhe convém depende de cada homem. O homem sábio é capaz de optar pelos prazeres naturais e necessários. Segundo Epicuro, “a ausência de perturbação e

de dor são prazeres estáveis; por seu turno, o gozo e a alegria são prazeres de movimento, pela sua vivacidade” (EPICURO, 1973, p. 25). Assim, o homem deve optar pelos prazeres duradouros, mesmo que sejam conquistados à custa de alguma dor momentânea.

Almeida Júnior (2018, p. 10, 13) diz que a felicidade não depende de sentimentos comumente associados a ela, tais como euforia, alegria ou diversão, pois a “felicidade é o modo de *ser* no mundo”. Por isso, optar por prazeres momentâneos ou até mesmo inúteis não resultam em felicidade, em vez disso, segundo Epicuro, tende a resultar em dor e na perturbação da alma.

O principal objetivo do sábio é viver conforme a natureza, para isso, o *sophós* tem a liberdade de exercer a sua *autárkeia* como um modo de vida sábio. Assim, alguns conceitos relacionados à felicidade como o prazer, e sua contrapartida como a dor, a morte e o medo, são inevitavelmente identificados no pensamento epicúreo. Nas próximas seções, detalha-se os modos de realização da vida sábia, os remédios para a alma e o raciocínio seguido pelo filósofo para concluir que o homem não deve temer a morte e nem a dor.

4.1 Os modos – exercício – e a vida prática e teórica

O sábio vivencia e reflete sobre sua ética fora do domínio público por meio do exercício legítimo da sua *autárkeia*. E, assim, priva-se das convenções estabelecidas para vivenciar os verdadeiros princípios da natureza. É importante o sábio se afastar da vida pública para evitar constrangimentos decorrentes da prática de ações amarradas às convenções de uma grande parcela insensata da sociedade.

Para Epicuro, a liberdade provém das reflexões realizadas na *physiología* e não do sistema sociopolítico. Não há compatibilidade entre a vida autárquica e a vida pública e por isso elas não podem conviver harmoniosamente. O melhor da *autárkeia* é a conquista da liberdade.

Epicuro compara os indivíduos a átomos e associa a comunidade a um microcosmos para elucidar as relações fundamentais entre saúde, amizade, liberdade e confiança, as quais influenciam nos resultados da *autárkeia*. A *philia* (amizade) que agrega os átomos é a mesma que reúne os sábios em um mesmo grupo que segue uma ética.

O sábio tem o desejo natural de compartilhar a racionalidade (*lógos*) que justifica a existência da comunidade filosófica. A convivência mútua é natural e necessária, mas não é efetiva em qualquer grupo de cidadãos. Segundo Epicuro, o pensamento e a ação são condições fundamentais para o exercício do convívio das condutas humanas.

Assim, o sábio não precisa se assujeitar à multidão, mas não precisa também viver na solidão. Ele reconhece a importância da amizade, mesmo a construída em pequenos grupos seletos. Perto dos seus afins, o sábio encontra o sentido comum entre suas vidas. Nesse grupo restrito é possível conviver em harmonia, ao contrário da *pólis* decadente.

Epicuro reconhece que as leis são necessárias, mas adverte que elas são contraditórias, gerando conflitos de interesses e de ideias conforme a ética de cada um. A compreensão da natureza estabeleceria o direito natural fundamentado em uma ética comum aos indivíduos. Mas, as falsas opiniões destituem o equilíbrio produzindo conflitos nas comunidades. Dado que esses conflitos são próprios da multidão insensata, Epicuro sugere uma comunidade restrita, cujos membros compartilhem da mesma vontade ética.

Desta maneira, Epicuro estabelece um limiar entre o domínio público e o privado, que permite ao sábio exercer a sua conduta dentro dos limites do seu espaço. Contudo, como cidadãos, os sábios também respondem pelas questões jurídicas de domínio público que lhes dizem respeito.

O objetivo do sábio é sentir-se integrante de uma comunidade autárquica e particular. Nesta comunidade regida pela *philia* (amizade), estabelece-se o pacto de não agredir e nem ser agredido, e mais que isso, busca-se o sentido da comunhão pela afinidade ou agregação.

Para Epicuro, apenas pela *phrónesis*, enquanto principal procedimento autárquico, o homem conquista a liberdade adquirindo o poder de escolha e recusa que conduz à felicidade. O sábio recusa toda e qualquer ação que não conduza a vida ao prazer do equilíbrio. Por meio de condutas rígidas, o sábio utiliza-se das próprias sensações para apreender a realidade das coisas e tomar suas sábias decisões.

A felicidade é o principal objetivo do modo vida filosófico. Não se acredita em um significado para além das ações e para além da vida, pois as ações se justificam apenas por si mesmas, por meio dos seus próprios resultados. É primordial ao homem deliberar sobre as coisas para alcançar a sabedoria e, conseqüentemente, a *eudaimonía* (felicidade).

Para Epicuro, a felicidade é para quem exerce a filosofia e alcança a *ataraxia* e a *aponia* pelo modo de vida pautado na *phrónesis* e no *logismós*. É no exercício da *physiología* que o homem compreende o mundo, tornando-se sábio. Cabe ao sábio utilizar-se da *phrónesis* buscando a espontaneidade do pensar e agir conforme o modo de ser das coisas do mundo.

O homem sábio não faz pouco caso da vida, nem deseja a morte e nem teme deixar de viver. Para ele, “viver não é um fardo e não-viver não é um mal” (EPICURO, 2002, p. 31). Epicuro (2002, p. 31) destaca que a vida do velho é tão significativa quanto a do jovem, pois o sábio “colhe os doces frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve”.

4.2 *Tetraphármakon* como terapia

O pensamento médico influenciou a filosofia a partir do século V a.C. na Grécia. Muitos pensadores estoicos, contemporâneos de Epicuro, utilizaram-se da medicina. Assim como a medicina busca a cura das enfermidades do corpo, Epicuro buscou a cura das enfermidades da alma. Tanto a filosofia quanto a medicina se detinham sobre a questão da *phýsis*, pois ambas buscam o reestabelecimento da natureza, da potência e do vigor do homem.

A alma influencia na saúde e nas doenças do corpo. Há uma completa correspondência entre o corpo e a alma. As doenças que afetam o corpo (carne) podem interferir na saúde da alma, assim como as doenças da alma, como o desgosto e a angústia, podem interferir na saúde do corpo. A preocupação com a alma é uma temática do epicurismo vinculada a ações terapêuticas embasadas na *physiologia*, o estudo da natureza.

É guiado por esse método do “agir conforme a natureza” que Epicuro elabora os quatro remédios para alma, o *tetraphármakon*. São quatro enunciados (máximas) de caráter terapêutico que visam tranquilizar a alma possibilitando que o homem alcance e mantenha o seu equilíbrio (*ataraxía*).

Em suas quatro primeiras máximas (LAËRTIOS, X, 139-140, 2014, p. 315), Epicuro descreve os quatro remédios para a alma:

I – O ser bem-aventurado e eterno não tem perturbações nem perturba outro ser; por isso é imune a movimentos de ira ou de gratidão, pois todo movimento desse tipo implica fraqueza.

II – A morte nada é para nós, pois o que se decompõe é insensível, e o que é insensível nada é para nós.

III – A magnitude do prazer atinge seu limite na remoção de todo sofrimento. Quando o prazer está presente, durante todo o tempo em que ele permanece não há dor nem no corpo, nem na alma, nem nos dois.

IV – Uma dor contínua não dura muito tempo na carne; ao contrário, quanto mais aguda é a dor menor é a sua duração, e também se por sua intensidade ela vence o prazer, não dura muitos dias na carne. As doenças prolongadas permitem até uma preponderância do prazer sobre o sofrimento carnal.

Desse trecho, nota-se que o *lógos* (racionalidade) é o grande remédio para a alma, ele a nutre e delibera sobre ela. O *lógos* impulsiona a ação do homem em direção à satisfação do seu desejo, de modo que o homem alcance seu bem-estar físico e psíquico. Isso o torna um remédio para a alma. Seguindo uma vida sábia, o homem exercita sua *ataraxía* fazendo uso do seu raciocínio e bom senso (*phrónesis*), o que é, para Epicuro, o bem mais valioso. A *ataraxía* realiza-se na vida sábia, que expressa a grande realização da *phrónesis* pautada no modo do homem agir por si mesmo (*autárkeia*).

A compreensão desses enunciados é o meio pelo qual o homem, na sua vida prática, pode vivenciar o equilíbrio do corpo e da alma. Epicuro afirma que a dor do corpo é momentânea, principalmente quando é intensa. Além disso, o prazer pode até superar as dores mais duradoras, pois enquanto houver vida é porque é possível suportar a dor. Passados os sofrimentos do corpo e da alma, o ser atinge o estado de *aponía* e alcança o equilíbrio do corpo e da alma.

4.3 Dor, felicidade, prazer, morte e medo

Epicuro reformula a noção de prazer dos cirenaicos. Para Aristipo de Cirene, todos os prazeres são semelhantes, não há um prazer maior que outro. Os cirenaicos acreditavam no prazer imediato e que a soma de muitos prazeres seria a felicidade, provavelmente inalcançável. Ao contrário desses pensadores, Epicuro acredita na *aponía* e na *ataraxía* como uma forma de prazer.

A lembrança dos prazeres vividos pode trazer para o presente o estado de alegria, assim a memória tem um importante papel na consolidação dos prazeres da alma, permitindo prolongá-los no tempo. Os cirenaicos, ao contrário desse pensamento de Epicuro, viam os prazeres como efêmeros, rejeitando o auxílio da *phrónesis*.

Uma vez centrado na ética do indivíduo, o binômio prazer/dor é uma questão fundamental para a filosofia do período helenístico. Epicuro, assim como Platão e Aristóteles, concordavam que o prazer é um bem por si mesmo e só pode deixar de sê-lo quando a dor se une a ele.

A *phrónesis* garante a vida prazerosa e, quando aliada ao *logismós*, estabelece os valores importantes da vida. Sem ela não há equilíbrio, nem vida prazerosa, e sim a dor. A *phrónesis* direciona os desejos para garantir o prazer pleno. Ela é importante para diferenciar os desejos necessários (que visam a saúde do corpo) dos não necessários (causadores dos males).

A *phrónesis* é própria do homem esclarecido, que tem vontade de agir e age conforme um *éthos* embasado no exercício da filosofia. Assim, a *phrónesis* relaciona-se à *autárkeia*, pois o sábio autárquico busca satisfazer apenas os desejos naturais e necessários. O equilíbrio trazido pela *phýsis* proporciona ao sábio o prazer da vida feliz. Desta maneira, o prazer é completo quando vivenciado na natureza, distante dos desejos sem moderação, não naturais e desnecessários.

Vale pontuar que o prazer a que se refere Epicuro tem a ver com o corpo, o prazer fisiológico, sendo o prazer da alma uma variação desse prazer. O prazer da alma tem a vantagem de poder ser prolongado por meio da memória, da lembrança. Vista desta maneira, a memória contribui para a felicidade do homem.

Epicuro diferencia alguns tipos de desejos alertando o homem quanto ao tipo de prazer que deve ser evitado e o tipo de desejo que deve ser vivenciado:

Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo (EPICURO, 2002, p. 35).

De acordo com esse trecho, o homem deve buscar a satisfação dos seus desejos naturais e necessários que são fundamentais para a sua felicidade e seu bem-estar corporal, mas deve evitar os desejos inúteis, que podem causar dor e medo. O conhecimento desses desejos ajuda o homem a direcionar suas escolhas buscando a saúde do corpo e a serenidade do espírito como finalidade da vida feliz.

Epicuro não ignora a possibilidade do homem vivenciar paixões de maneira saudável, dado que a *ataraxia* não significa a ausência de paixões. Epicuro denomina de prazeres constitutivos as paixões decorrentes dos desejos naturais e necessários do homem. O importante é o homem identificar o princípio dessas paixões refletindo sobre elas para não incorrer no erro da fantasia.

Assim, todos os sentimentos vivenciados pelo homem, inclusive a paixão, devem sempre ser direcionados pelo bom senso. Sem exercer a sua *phrónesis* o homem não alcança a sabedoria, tornando-se suscetível aos sentimentos – como o medo da morte e da dor – próprios das multidões que fazem pouco uso do seu raciocínio.

Para os epicuristas, a morte é a privação de todas as sensações, de todos os prazeres e todos os males. A tomada de consciência de que a morte não significa nada é importante para entender que a vida é efêmera, superando o desejo da imortalidade e a ilusão do tempo infinito do corpo. “É tolo portanto quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado” (EPICURO, 2002, p. 29).

Quando o homem está vivo, a morte não está presente, e quando a morte chega, o homem que não está mais vivo não mais possui as faculdades de suas sensações, por isso, não

há o que temer. Assim, o medo da morte não se justifica e não significa nada para os vivos e nem para os mortos.

Além disso, Epicuro diz que o medo da dor também não se justifica. Toda dor pode ser suportada, caso não possa, então ocorreria a morte e, conforme foi dito, em relação à morte não há nada a temer. Considerar que o maior dos males, a morte, não tem por que ser temido, impele o homem a se libertar dos seus medos e enseja o equilíbrio do corpo e da alma, contribuindo para que o homem vivencie permanentemente seu estado de felicidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a morte de Alexandre Magno (354-323 a.C.) instaurou-se o helenismo. Em meio à decadência dos sistemas platônico e aristotélico, os cidadãos perderam a esperança na política vigente e na sociedade. Sentindo-se sozinho, o homem busca uma ética voltada para si mesmo. É nesse cenário que a felicidade torna-se uma questão importante. Epicuro foi um filósofo desse período que desenvolveu uma doutrina voltada para a felicidade do homem.

O filósofo do jardim – assim conhecido por tornar o jardim da sua casa o lugar em que criava e vivenciava sua filosofia – conquistou seguidores que conviviam com ele nesse espaço. O jardim representa o espaço da convivência harmônica, da amizade e do equilíbrio do corpo e da alma. Epicuro bem como seus discípulos seguiam à risca a doutrina em que acreditavam, possibilitando uma convivência pacífica e sem conflitos de ideias.

A teoria atomista desenvolvida pelo filósofo embasa toda a sua doutrina. Epicuro pensa sobre a menor parte das coisas, o átomo, e desenvolve sua teoria analisando os corpos, o vazio e os mundos. O filósofo trata da natureza em sua totalidade e fundamenta sua ética na *phýsis*. O homem é capaz de superar seus temores, crenças e superstições por meio da compreensão da *phýsis*. Assim, a doutrina do mestre cria uma ponte entre a *physiología* e a discussão sobre a ética do homem.

Epicuro diz que a alma tem também propriedades físicas, mas com diferenças em relação ao corpo. A alma é capaz de registrar as impressões do pensamento e, a partir delas, a alma julga, receia, acredita e reflete. O raciocínio (*logismós*) é o mecanismo da alma para se livrar dos equívocos e erros nos julgamentos que ela possa vir a fazer. De posse do *logismós* o homem é capaz de superar o ódio, a ira, a inveja e a indiferença.

Por meio do exercício da filosofia é que o homem descobre sua felicidade. Epicuro não esconde sua doutrina de ninguém, as portas do jardim são abertas para todos que quiserem seguir a sua doutrina. Para o filósofo não há idade para começar e nem deixar de

filosofar. O sábio, mesmo velho, é capaz de se contentar com as lembranças da vida agradável que teve, prolongando os prazeres da alma no tempo. O jovem, por sua vez, não tem por que temer o futuro.

Por meio da *aponía* e da *ataraxía*, o homem descobre a felicidade vivenciando o estado de equilíbrio do corpo e da alma. A ação do homem deve ser direcionada pela sua *phrónesis*, ou seja, sua sensatez, para que ele mantenha o estado de imperturbabilidade da alma. Esse é o estado do verdadeiro prazer, que é duradouro e verdadeiro, enquanto que os prazeres decorrentes dos desejos acabam causando dor e sofrimento.

Assim, Epicuro vê na sua filosofia o antídoto para as opiniões vazias e, portanto, a realização da *autárkeia*. O homem é livre para pensar, pode raciocinar e não depende das normas sociais, da nobreza e nem mesmo dos deuses, pois o homem é um ser autárquico, completamente capaz de comandar a si mesmo. O homem, por natureza, tem liberdade para exercer a sua *autárkeia*. Epicuro vai dizer que os átomos têm uma vontade própria e, por consequência, o homem possui uma natureza autárquica, dado que todos os corpos são formados por átomos.

Diante de tudo o que foi exposto, parece conveniente pensar que quando se fala na busca pela felicidade no pensamento epicúreo, não se trata de tentar encontrá-la fora do homem, mas, ao invés disso, tem a ver com olhar para si mesmo e perceber que a felicidade em potencial já existe, desde que haja a *phrónesis*, a semente para a felicidade. Se essa semente for regada – for realizado convenientemente o exercício da *phrónesis* –, o homem se tornaria sábio e tomaria consciência da sua felicidade, ainda que da sua própria felicidade em potencial.

A conclusão a que se chegou – de que o homem, no pensamento epicúreo, carrega a semente da felicidade – não parece exagerada quanto a que diz que todo homem é feliz. Para Almeida Júnior (2018, p. 91), a felicidade não é um objetivo a ser alcançado, pois ela é o impulso que leva o homem a agir. Para Epicuro, esse impulso não é a felicidade, mas a *phrónesis*, cujo exercício leva o homem a vivenciar a felicidade de maneira plena ao tomar consciência dela.

Contudo, mesmo no pensamento epicúreo, pode-se pensar que a felicidade, conforme dito por Almeida Júnior, impulsiona o agir, pois segundo Epicuro, o sábio que vivencia a felicidade “age” para manter o equilíbrio. Nesse sentido, a *autárkeia* do sábio é pautada pelo próprio modo de vida sábio e feliz. Em outras palavras, quando o sábio age por si mesmo, sua vontade própria está em conformidade com o modo de vida feliz, não é inoportuno, portanto, dizer que a própria felicidade impulsiona o agir do homem sábio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. **Felicidade e vida autêntica**: pensando a felicidade no século XXI. Jundiaí, SP: Paco, 2018.

CARO, Tito Lucrécio. **Da Natureza**. Tradução de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

EPICURO. **Antologia de textos de Epicuro**. Tradução de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

EPICURO. **Carta sobre a felicidade** (a Meneceu). Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

JOYAU, E. **Epicuro**. Tradução de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

LAËRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução de Mário da Gama. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília (UnB), 2014.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.

SILVA, Markus Figueira. **Epicuro**: sabedoria e jardim. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia IV** – Introdução à Ética Filosófica 1. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2006.